

Nas últimas décadas, em decorrência da luta do feminismo que contribuiu para mudanças significativas na sociedade, houve muitos avanços em prol da condição feminina nos espaços público e privado, com redução da desigualdade de poder entre homens e mulheres. Porém, mesmo com tantas conquistas, verifica-se que as mulheres mais jovens, que estão numa posição mais frágil nessa relação, têm suas vidas marcadas por uma maior vulnerabilidade no que se refere à violência de gênero.

Mirian Teresa de Sá Leitão Martins
Stella Regina Taquette

Relacionamento entre homens e mulheres no entendimento de adolescentes nascidas pós movimento feminista

Relationship between men and women in the understanding of adolescents born after the feminist movement

MIRIAN TERESA DE SÁ LEITÃO MARTINS*
STELLA REGINA TAQUETTE**

Resumo

O movimento feminista trouxe avanços que proporcionaram a redução da desigualdade de poder entre homens e mulheres. Esses avanços porém não aconteceram de forma homogênea nas diversas classes sociais. Este estudo teve por objetivo conhecer o relacionamento homem/mulher de adolescentes de estrato social de menor poder econômico. O método de pesquisa foi qualitativo através de entrevistas em profundidade com adolescentes atendidas no Núcleo de Estudos da Saúde de Adolescentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NESA-UERJ). Foram entrevistadas 20 adolescentes femininas de idades entre 16 a 19 anos. Observou-se que as representações das adolescentes em relação à sexualidade demonstram a permanência de indicadores morais e padrões de comportamentos amorosos\sexuais marcados pela dominação masculina. As transformações ocorridas no relacionamento homem/mulher no âmbito público não ocorreram na mesma intensidade na esfera íntima e privada.

Palavras-chave: Adolescência. Violência de gênero. Sexualidade.

* Mestre e Psicóloga em Ciências Médicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil; Email: mirianteresad@yahoo.com.br

** Doutora em Medicina pela Universidade de São Paulo, Brasil; Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil; Email: stella.taquette@gmail.com

Abstract

The feminist movement brought advances which have promoted the reduction of disparity of power between men and women. These advances did not happen homogeneously in the different social classes. This study aimed to analyze the man *versus* woman relationship with respect to adolescents from lower social level of economic power. The research method adopted was qualitative by means of interviews with adolescents at the Center for the Study of Adolescent Health at the State University of Rio de Janeiro (NESA-UERJ). We interviewed 20 female adolescents aged 16 to 19 years. It was observed that the representations of adolescent sexuality in relation to indicators demonstrate the permanence of moral and behavioral love \ sex patterns marked by male domination. Changes in the man *versus* woman relationship in the public sphere did not occur at the same intensity in the private and private sphere.

Keywords: Adolescents. Gender violence. Sexuality.

Introdução

Num primeiro olhar, poder-se-ia pensar que os indivíduos que hoje estão vivendo sua adolescência / juventude, por terem sido socializados em um contexto de muitas modificações da condição feminina, teriam atitudes mais igualitárias, que demonstrassem relações de gênero mais simétricas, e, portanto, teriam mais autonomia nas suas escolhas afetivas e sexuais. Porém, o que se observa, em muitos casos, é a permanência de indicadores morais e padrões de comportamentos ditos tradicionais.

Entende-se que, ainda hoje, as relações que as mulheres estabelecem com seus companheiros são marcadas pela ascendência masculina, embora o movimento feminista¹, ao longo dos anos, tenha provocado mudanças significativas nas instituições e na coletividade, resultando na conquista, pelas mulheres, de espaços sociais importantes.

Apesar dessas modificações citadas, no âmbito doméstico perduram algumas permanências, como a sobrecarga delas com as atividades de casa e códigos morais que disciplinam suas condutas. Acredita-se que a dessimetria entre homens e mulheres é fruto de uma estrutura de poder hierarquizada em que ainda prevalece a dominação masculina. Esta determina os imperativos sociais de uso dos corpos, modela as práticas amorosas e origina códigos morais, fruto de uma produção cultural androcêntrica. Além disso, impõe, sutilmente, qual a conduta mais correta para as mulheres e estabelece uma prática relacional, na qual elas, muitas vezes, são tratadas pelos homens como verdadeiros objetos.

¹ Movimento social de mulheres que eclodiu no final da década de 50, com o objetivo de questionar a condição feminina em uma sociedade constituída por relações assimétricas entre os homens e as mulheres, e de pleitear um espaço de atuação política e de luta pelos interesses femininos (FRANCHETTO, 1981, p. 17).

Enfim, a ascendência androcêntrica traz dificuldades a ambos, homem e mulher. Porém, no caso delas, por gerar uma sujeição maior à violência, mesmo nos dias atuais, acaba por colocá-las numa posição de maior risco, tanto no que se refere à saúde sexual, como à sua vida pessoal.

Na busca pela compreensão das questões levantadas, entende-se que o conceito de gênero nos permite refletir melhor sobre elas, pois possibilitou romper com as explicações biologicistas, que preconizavam a anatomia e o corpo da mulher como determinantes da sua condição social. Por ser um elemento constitutivo das interações sociais fundamentadas nas diferenças entre o masculino e o feminino, o gênero está presente em todas as dimensões da vida social, dando significado às relações de poder (SCOTT, 1989).

Para Bourdieu (1999), o gênero diz respeito às regras de relações sociais moldadas pelo processo de socialização e de educação diferenciadas e compõe a disposição da vida social, assim como a percepção simbólica. Ou seja, a relação homem / mulher é modelada por uma construção de gênero presente na nossa sociedade. Esses condicionantes sociais alicerçam as representações sociais e funcionam como princípios das atitudes e das limitações no modo de pensar, perceber e sentir.

Nas últimas décadas, em decorrência da luta do feminismo que contribuiu para mudanças significativas na sociedade, houve muitos avanços em prol da condição feminina nos espaços público e privado, com redução da desigualdade de poder entre homens e mulheres. Porém, mesmo com tantas conquistas, verifica-se que as mulheres mais jovens, que estão numa posição mais frágil nessa relação, têm suas vidas marcadas por uma maior vulnerabilidade no que se refere à violência de gênero. Esta se traduz nos altos índices de gravidez não planejada, de doenças sexualmente transmissíveis e na mudança do perfil epidemiológico da Aids, no sentido do aumento do número de casos diagnosticados em mulheres (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007; TAQUETTE, 2009).

Tal fenômeno chama atenção, pois as adolescentes de hoje nasceram numa época pós-movimento feminista. Teoricamente, moças e rapazes pertencentes a uma geração que vivencia algumas práticas sociais mais igualitárias deveriam ter uma equidade maior também nos seus relacionamentos afetivos.

Este estudo parte do pressuposto de que, mesmo na atualidade, persistem a dominação masculina e a permanência de indicadores morais e padrões de comportamento marcados por uma assimetria de gênero. Entende-se aqui a dominação masculina como uma vertente da dominação simbólica que se exerce sutilmente pela comunicação, pelo conhecimento, e cuja lógica está referendada em um princípio simbólico conhecido e reconhecido pelo dominante e pelo dominado. Este é internalizado nos esquemas inconscientes de apreciação e percepção (BOURDIEU, 1999). Para Bourdieu, a permanência da dominação masculina ocorre pelo fato de que a ordem

social está assentada na divisão entre os sexos e esta se encontra em estado objetivado nas coisas, em todo o mundo social, e em estado incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Nesse sentido, este estudo buscou conhecer o relacionamento homem/mulher no que diz respeito à sexualidade e ao modo de vivê-la, de acordo com o entendimento de adolescentes femininas na contemporaneidade. Obter informações sobre os mecanismos que contribuem para a manutenção da desigualdade é tarefa primordial para enfrentá-la e desconstruí-la.

Percurso metodológico

Utilizou-se a metodologia qualitativa, por se entender que o trabalho com esse tipo de abordagem consiste na construção de um campo de investigação a partir da observação das práticas cotidianas e também da representatividade das falas dos indivíduos. Esses são os alicerces da pesquisa qualitativa e demandam um aprofundamento nos significados compartilhados e a compreensão das normas culturais de um grupo ou sociedade (MINAYO, 2006).

A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada. A população-alvo foi composta de adolescentes femininas que procuraram atendimento no ambulatório do NESA-UERJ, independente do motivo. Neste estudo, optou-se por privilegiar o discurso advindo de entrevistas no intuito de apreender ideias, valores, concepções e ideologias, para alcançar, pela via do subjetivo, a dimensão social: as representações sociais. Partiu-se do pressuposto de que são categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, e que a fala dos indivíduos transmite essas representações, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas.

Não se conhecia previamente nenhuma das entrevistadas e elas foram apresentadas às pesquisadoras, ao final da consulta, pelo profissional de saúde que as havia atendido. Naquele momento, eram convidadas a participar do estudo e aquelas que aceitaram foram entrevistadas em local com garantia de anonimato e privacidade.

A entrevista obedeceu a um roteiro que continha, na primeira parte, perguntas sobre dados demográficos como: idade, raça / cor, renda, composição familiar, situação conjugal, escolaridade e práticas de sociabilidade, entre outros itens. A segunda parte abordou valores, concepções das adolescentes no que se refere ao relacionamento afetivo e/ou sexual, relações de gênero e uso dos métodos de prevenção contra DSTs/Aids e gravidez. O tamanho final da amostra foi definido pelo critério de saturação (FONTANELLA, 2008). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente.

A análise das informações coletadas teve como referencial teórico o estudo de Minayo (2006) sobre metodologia de pesquisa qualitativa em saúde. Todo o material coletado foi lido e relido exaustivamente para a organização dos

relatos em tópicos, conforme o tema tratado. Uma pré-análise identificou as variáveis temáticas principais e, em seguida, se estabeleceram interrogações para se identificar o mais relevante e para se criarem categorias específicas. Ao final, os dados foram articulados aos pressupostos teóricos da pesquisa para responder às questões com base em seus objetivos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto, e a aquiescência das participantes foi documentada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obedecendo ao disposto na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regula as Diretrizes e Normas de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos.

Apresentação e discussão dos resultados

Foram entrevistadas 20 adolescentes com idades que variaram de 16 a 19 anos, e as entrevistas duraram em média 50 minutos. Todas eram pertencentes a estratos sociais de baixo poder econômico, com renda familiar de 2 a 4 salários mínimos. Elas moravam com seus familiares em comunidades de favela ou nos bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro.

No que se refere à composição familiar, do total, 12 viviam com o pai, a mãe e irmãos, sete moravam somente com a mãe e irmãos e uma com os tios e primos.

A maioria das adolescentes não estava inserida no mercado de trabalho e não tinham renda própria. Eram sustentadas por seus familiares, que trabalhavam como pedreiro, domésticas, diaristas e motorista, ou contavam com recursos da Previdência Social. As poucas que exerciam algum trabalho remunerado tinha como ocupações as seguintes: manicure, vendedora, auxiliar de escritório, operadora de xerox e uma estava realizando estágio remunerado, inserida em um projeto de uma empresa estatal.

Quanto ao nível de escolaridade, apenas uma já cursava o ensino superior, nove estavam cursando o ensino médio, duas já o haviam concluído e oito estavam no fundamental. Desse último grupo, quatro tinham atraso escolar.

No que diz respeito aos relacionamentos amorosos, metade das adolescentes tinha namorado fixo e 2 já eram casadas. As solteiras, na quase totalidade, já eram sexualmente ativas e tinha tido a iniciação sexual com o namorado. As demais disseram querer um dia encontrar alguém especial para consolidar um compromisso.

Após leitura e releitura exaustiva das entrevistas, por meio das falas das entrevistadas foram construídas quatro principais categorias: 1- A posição passiva da mulher na aproximação amorosa e/ou sexual, 2- Meninas de valor *versus* "moças estragadas", 3- A nova ordem do público e do privado na vida da mulher e 4- O amor legitima o controle dos homens.

Na primeira categoria, "a posição passiva da mulher na aproximação amorosa e/ou sexual", identificou-se que as relações amorosas / sexuais estabelecidas pelas entrevistadas são marcadas por valores morais tradicionais, pois elas foram socializadas em um ambiente em que a mulher

dever ter uma postura mais contida perante os rapazes. A representação que elas têm de como devem se portar segue uma verdadeira categorização, constituída na seguinte imagem: a iniciativa é uma atitude masculina; já a feminina, é a de espera, como podemos perceber nos depoimentos a seguir:

[...] na maioria das vezes são eles que se aproximam, a não ser que a menina ache assim muito lindo e queira ficar e a amiga já conheça e bota na fita. Mas fora disso, sem conhecer, é eles que ficam em cima. A. (16 anos).

Eu já fiquei com vários garotos e namorei umas 6 vezes, comecei a namorar foi com 12. No meu caso, é assim, oh... o menino mesmo que pede. Acho sei lá, que os meninos mesmo que tem que chegar. H. (18 anos).

Para melhor análise do significado dessas atitudes, apropriamo-nos do conceito de *habitus*², de Bourdieu (1999). De acordo com o autor, é a partir da internalização de determinado *habitus* relacionado a uma localização específica dos indivíduos na ordem social que as pessoas teriam determinadas formas de atuar, pois seus comportamentos estariam intimamente relacionados às disposições dos grupos aos quais pertencem. Essa disposição duradoura “irá se refletir nos sistemas classificatórios sobre o que é legítimo e ilegítimo, o que é o mal e o bem” (p. 32).

São justamente os condicionantes sociais, baseados no pressuposto da assimetria entre os sexos, que produzem *habitus* de gênero e que levam os sujeitos a agirem e perceberem o mundo ao seu redor de acordo com classificações fundamentadas na ascendência masculina. Identificou-se nas falas das adolescentes a permanência dessa modelação mencionada por Bourdieu (1999) em um trabalho coletivo tanto da família, da escola, como da sociedade, que proporciona uma verdadeira incorporação da relação de dominação masculina. Esta se materializa nas representações das adolescentes entrevistadas, em relação ao que é certo e ao que é errado, apresentando-se num modo de reagir corporal e psicologicamente. Neste estudo, essas categorizações, ancoradas numa ordem simbólica centrada no homem, ou seja, em um inconsciente androcêntrico, estendem-se a outros jogos como: o ficar, o flerte e o namoro, uma situação, a *hexis*, que é para Bourdieu (2001) a primeira manifestação do *habitus*, pois essas determinações sociais dirigem-se inicialmente ao soma, e não ao intelecto.

Na segunda categoria, “meninas de valor versus moças estragadas”, foi observado que as moças entrevistadas reproduzem o sentido da sua “feminilidade” nas representações, no significado atribuído à honra que, para elas, representa a dignidade. Esta se materializa nas suas falas e nas

² Sistema de disposições duráveis que integra todas as experiências passadas, e funciona a cada momento como uma matriz de percepção e de apreciação, o que torna possível a concretização de práticas diferenciadas, pois tende a produzir ações que, por sua vez, se ajustam às circunstâncias objetivas (BOURDIEU, 1999).

suas condutas ao se relacionarem com o sexo oposto. As que não seguem o ritual e não esperam o rapaz se aproximar, mostram-se “atiradas”, assim, transgridem essa construção e passam a ser “mal vistas”. Aquelas que mantêm uma atitude mais passiva são as “sérias”, contrapondo-se às “oferecidas”.

E tem que hoje em dia nenhum menino vai ficar com você sabendo que você é balada para os meninos. Querem ficar, fica, mas não é na parada. Fica aqui com um, fica com outro, fica bem longe para ninguém ficar sabendo, mas se você fica ao mesmo tempo com um, logo vai ser chamada de piranha. Porque ninguém vai falar que foi só um beijinho. Ele vai falar que transou, eles mentem. Vai chegar e falar, eu já vi muito garoto falar: Peguei essa garota, comi que ela é uma piranha!. Aí as meninas não querem ficar mal-faladas. A. (16 anos).

[...] antes de mim, o meu namorado largava a menina que tava namorando e ia atrás de outra, saía às sextas-feiras e só voltava na segunda... Os homens ficam comparando um com o outro, acham que se uma menina sai com um, tem que sair com todos [...] B. (17 anos).

Nas entrevistas realizadas, a conduta das meninas está sempre sendo vigiada (as roupas, o portar-se no grupo), e a virtude, o recato delas, salvaguardado pelo controle dos pais e/ou da escola. Em contraposição, para os jovens há uma valorização de sua postura ativa, seja pelo esporte, pelo despojamento do vestuário, ou ainda, nas condutas mais livres, pois, por meio do processo de socialização familiar, crianças e adolescentes não são criados de forma homogênea, mas assimétrica e hierarquizada. Estas condutas, marcadas pela questão do gênero, estariam em consonância com o significado da sexualidade para os segmentos populares (HEILBORN, 2002).

Em um contexto de valores tradicionais, geralmente relacionados às classes trabalhadoras, os homens possuem uma tendência a classificar as mulheres entre as que são “moças casadoiras e as de programa” (HEILBORN, 1999, p. 50), a partir de um padrão dicotômico de conduta. Esse aspecto foi focalizado também neste trabalho, quando se identificou que a representação que as adolescentes possuem das práticas afetivo-sexuais segue uma categorização na qual o modelo é o da naturalização das “mulheres honestas”, em oposição às “descaradas” (que possuem atitudes próximas à dos rapazes).

Estar de acordo com essa norma garante a virtude, entendida como um bem, um valor. As “fáceis” indicam uma posição rejeitada tanto por elas como pelos meninos com quem convivem. Ser considerada uma “moça fácil”

diminui as oportunidades de namorar a sério, de os rapazes e a comunidade respeitarem-nas, enfim, suas chances no mercado matrimonial.

As “difíceis”, neste estudo, diferentemente das jovens do passado que eram as virgens, são hoje identificadas como meninas que pertencem a um só homem, não no sentido de único, mas como um aspecto da fidelidade, do preservar-se – ou seja, não ter vários ‘ficantes’ ou namorados ao mesmo tempo, aguardar um tempo para se relacionar sexualmente e ter tido poucos namorados.

Tal conduta garante-lhes uma série de ganhos: ter o menino escolhido, o amor, o respeito da família e dos amigos e até a liberação do uso de preservativo.

Na terceira categoria, “a nova ordem do público e do privado na vida da mulher”, embora se tenha identificado a permanência da dominação masculina, os enunciados a seguir refletem mudanças, conquistas das mulheres nas últimas décadas, quando elas adquiriram maior independência, obtiveram relações mais igualitárias em alguns aspectos de suas vidas e maior autonomia. Essa nova ordem feminina nos espaços público e privado trouxe modificações na ordem social que, efetivamente, se encontram internalizadas nas gerações mais jovens.

Para Sorj (2004), que analisou os avanços na condição feminina no espaço público, na atualidade, eles são decorrentes dos seguintes fatores: urbanização, aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, maior escolaridade e queda da fecundidade. Vejam-se as falas das entrevistadas:

Eu acho que tem a mesma capacidade, a gente pensa, ah! mulher motorista... tem de correr atrás, tem que acabar com essa discriminação. A mulher hoje trabalha, já tem o dinheiro dela, se o marido brigar, ela já tem o dinheiro dela, agora ela tá pagando as contas, tem o dinheiro dela, não tem que ficar aguentando, se acontecer uma briga e ela não trabalha, ela tem que aturar... Acho importante os dois ajudarem, mas acho que os homens não fazem. Acho bobeira, o certo é dividir mesmo. A. (16 anos).

Hoje a mulher está mais solta, está mais desenvolta, eu quero trabalhar (fora). Quando eu casar, com certeza ele vai ter que ajudar (no serviço de casa). Eu acho que vou criar meus filhos iguais, eu pretendo que ele possa fazer tudo que ela, arrumar a casa, trabalhar faz bem! B. (16 anos).

As falas das moças indicam quais são os significados que elas incorporaram sobre os papéis masculino / feminino nos âmbitos público e doméstico, suas opiniões e desejos quanto ao futuro, além de orientar-nos sobre as suas representações sociais. Essas representações foram identificadas pelas

autoras como autonomia e capacidade de decisão, ancoradas na seguinte imagem da atualidade: a da dona do seu próprio destino, produtiva dentro e fora de casa, uma representação muito difundida pela mídia nas sociedades contemporâneas.

As adolescentes em questão são influenciadas por esse imaginário coletivo; a independência, consubstanciada pelo dinheiro, é almejada por elas por possibilitar mais poder nas relações interpessoais e maior visibilidade feminina na sociedade, que vai desaguar nas relações entre os sexos.

O deslocamento da mulher do espaço doméstico para o público já é percebido nas concepções das mais jovens. Em nosso estudo, isso está representado pela possibilidade de uma remuneração, por uma vaga na universidade, assim como por um desejo de maior igualdade entre os gêneros no que se refere tanto ao mundo do trabalho, como à divisão dos afazeres do lar.

Na dimensão trabalho fora e dentro do lar, observou-se a produção de representações menos hierarquizadas. Essas práticas mais igualitárias são vividas subjetivamente por adolescentes, pois foram poucas as que falaram que pais, padrastos, namorados ou vizinhos com quem convivem nada fazem em casa. A experiência de muitas é a de que eles também participam da dinâmica doméstica, embora ainda seja na condição de complementaridade.

A opinião que as adolescentes têm sobre como deve ser a separação dessas responsabilidades não implica, necessariamente, que sejam vivenciadas ou experimentadas da mesma forma por ambos os sexos.

Identificou-se nas falas o lugar que cada um ocupa e quais são as atribuições masculinas / femininas, ou seja, ainda perdura uma divisão desigual entre os sexos e uma sobrecarga delas no serviço de casa. Esse fato foi verificado também por Sorj (2005) em outra pesquisa, em que identificou a permanência da desigualdade entre os sexos como decorrente de um sistema de valores culturais que imprime e determina o papel social a ser desempenhado pelos homens.

A quarta categoria, “o amor legitima o controle dos homens”, verificou-se na maioria das expressões das entrevistadas, como as evidenciadas abaixo, em que frequentemente aparece a questão da ascendência masculina. Elas mencionam, por exemplo, que “ele não deixa”, “ele não quer que eu use essa saia curta ou a blusa decotada”, ou ainda, que os rapazes determinam o uso ou não do preservativo.

Eu namoro, ele é ciumento, não deixa eu sair, eu falar com os meninos, eu falar com ninguém da escola, é uma coisa de chamar atenção. Eu não cumpro tudo que ele fala, eu faço mais ou menos. Eu falo com os meninos, eu falo oi. Quando na maioria das vezes quando são pessoas que ele não conhece, eu não falo. Eu aceito porque eu gosto dele, tenho de aceitar de qualquer jeito, se eu estou com ele, eu tenho que aceitar os defeitos e ele os meus, senão tem que terminar. A. (16 anos).

(...) ele me proíbe de ir aos lugares, mas eu falo que eu vou, aí a gente briga, termina, eu falo que eu vou, aí no dia seguinte a gente volta, ele vê que não tem jeito, que eu vou sair mesmo, ah! Ele implica com a roupa, implica se for muito curta, ele fica falando, eu falo para ele que ele não é meu pai, eu não aceito. Olha transamos, ele já queria transar, ele gosta de sem camisinha, mas eu digo para ele que sem camisinha, não rola, ele aceita porque não tem jeito. B. (17 anos).

Pode-se ver, nesses trechos, as vivências afetivas e/ou sexuais das entrevistadas representadas por uma posição masculina vinculada ao controle. Ao mesmo tempo, cabe aos homens, muitas vezes, o papel de decidir vários aspectos do dia a dia dessas adolescentes (a roupa que vão vestir, os seus horários, as amizades e o uso do preservativo). Por outro lado, na hora de decidir quando iniciar uma vida sexual, em alguns relatos, identificou-se que passaram a ter uma posição mais ativa. Nessas narrativas, aparecem alguns indícios de que essa questão é mais complexa. Para além do controle masculino e da sujeição feminina aparece uma zona de negociação dentro de um campo de possibilidades, porém ainda restritas.

Nas entrevistas, as moças revelaram que cedem aos “mandos” dos namorados por gostarem muito deles. É a verdadeira idealização de um sentimento que, no entendimento das autoras, vai estar presente também quando algumas relataram o seguinte: não se entregaram ao namorado pelo fato de não estarem no momento certo e mágico que, para elas, só um verdadeiro sentimento pode trazer.

Verificou-se que a última palavra, com exceção da decisão de “transar”, é dos rapazes. Na hora de escolher quando iniciar uma vida sexual, identificou-se em alguns relatos que eram elas que determinavam se o casal deveria transar ou não, naquele momento; então, passavam a ter uma posição mais ativa.

No que se refere ao uso do preservativo, quando o usam, em geral, é por que houve a concordância do parceiro. Porém, se eles exigem que transem sem proteção, a imensa maioria cede à exigência do parceiro. Houve relatos em que elas justificaram não usarem condons por terem uma relação estável e, portanto, não haver a necessidade, já que existia a fidelidade de ambas as partes.

Verificou-se que há uma idealização do “enamoramento”, e poder-se-ia dizer com base nas ideias de Giddens (1993) sobre o amor romântico, que as atitudes das entrevistadas estão ancoradas em um ideal de conjugalidade. Essa forma de relacionamento advinda da Era Moderna é baseada na emoção relacionada diretamente a fantasias de completude e de identificação projetiva.

Ao mesmo tempo em que se identificou nas narrativas essa forma de conceber o mundo, própria dessa faixa etária, ou seja, baseada em idealizações, observaram-se também as diferenças de gênero marcando a vivência que as moças têm com os rapazes. Perceberam-se, nas falas, relações de poder, e entende-se que essas relações são produzidas por uma matriz heterossexual e androcêntrica, presente ainda na atualidade.

Considerações finais

Este estudo procurou compreender as relações afetivas / sexuais das adolescentes pertencentes aos segmentos populares, e a continuidade, ou não, da iniquidade de gênero nesses relacionamentos. Ressalta-se que esta pesquisa confirmou o pressuposto quanto à permanência da dominação masculina, mesmo na atualidade, época em que as mulheres já conquistaram espaços significativos na sociedade, assim como na família.

A maneira como muitas das adolescentes em questão conduzem os novos relacionamentos interpessoais que se apresentam nessa etapa de suas vidas (e a sexualidade é um deles) é modelada pelas representações que construíram ao longo de suas trajetórias. Ancoradas na representação “mulher de valor” (a que não é promíscua) procuram namorar ou ficar com um rapaz de cada vez. Interessante identificar que a honra para elas estaria não mais relacionada à virgindade, como no passado, mas a manter-se fiel.

No nosso entender, a construção simbólica da imposição dos homens e a adesão das mulheres a essas categorias de pensamento, que configuram sua dominação, estão presentes nas suas condutas nos jogos amorosos e nas práticas sexuais.

Na análise das falas dessas moças, verificamos que as relações afetivas sexuais na adolescência, ainda são configuradas a partir de uma lógica que valoriza condutas controladoras de sua sexualidade. Há o domínio da família, da sociedade e da escola. A reprodução é normatizada por meio dos Programas de Orientação Sexual; estes reproduzem o disciplinamento dos corpos valorizando a responsabilidade da mulher na condução da reprodução, já que, diferentemente dos rapazes (estimulados pelos impulsos voltado ao prazer), seriam movidas pelo sentimento (BOZON, 2003).

Na compreensão dessas questões, buscou-se aproximação com as de Bourdieu (1999). O autor ressalta, com muita propriedade, que as visões de mundo utilizadas pelas mulheres ao questionar a sua vivência afetiva, o seu papel na família e na sociedade, ainda obedecem às mesmas categorias que alimentam um poder conferido aos homens.

No que se refere especificamente às vivências sexuais, verificou-se que as adolescentes estudadas percebem a sexualidade como inscrita numa ordem pautada no vínculo, ou seja, diferentemente dos rapazes com quem convivem, elas apresentam naturezas e vocações desiguais às deles, fundadas em uma matriz androcêntrica que vai influenciar diretamente no uso, ou não, de preservativo.

Embora tenham demonstrado conhecimentos e informações a respeito de como tomar cuidado com as DST/ Aids, pois suas falas estão impregnadas de mensagens advindas da área da saúde, as entrevistadas e seus companheiros, na maioria dos casos, não utilizam o preservativo como método contínuo para prevenir doenças e para evitar a gravidez. Quando transam, há uma tendência a substituí-lo pela pílula, pois sua grande preocupação é de não engravidar. A contracepção, nesses casos, é cercada por descuidos, erros e esquecimentos, independente de já terem uma relação estável ou de ser a primeira vez.

Porém, uma leitura um pouco mais cuidadosa revela que, embora a representação sobre as responsabilidades do casal frente à vida reprodutiva vincule as moças ao papel de protagonistas na condução dos métodos de prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez, na prática, pode não existir uma atitude ativa da mulher. As adolescentes entrevistadas muitas vezes não se cuidam pelo fato de os rapazes não gostarem de utilizar o condom. Elas se submetem por gostarem deles ou por medo de criar uma situação de desentendimento.

Embora a permanência da iniquidade nas relações entre os rapazes e as moças em questão seja evidente, nos depoimentos delas percebeu-se também um deslocamento dessa posição hierarquizada, quando falam do papel feminino na sociedade e do seu desempenho no mundo do trabalho. Porém, o que chamou a atenção foi o descompasso entre a importância das conquistas femininas no mundo do trabalho e a divisão sexual das tarefas domésticas. Nesse âmbito, ainda perdura a concepção de que os homens apenas contribuem com esses afazeres, numa posição de complementaridade.

No entender das autoras, não obstante a permanência da sobrecarga da mulher no espaço privado, a independência e a atuação profissional almejadas pelas entrevistadas indicam a incorporação de valores relacionais mais simétricos. Isso aponta eixos e aberturas para a construção de novos caminhos na edificação da autonomia feminina, o que poderia ocorrer por meio do acesso a uma maior escolarização e do aumento da empregabilidade e conseqüentemente de uma maior renda para as mulheres.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. **Mediações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade – a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 20, p. 131-156, 2003.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, p. 17-27. 2008.

FRANCHETTO, B, et al. **Antropologia e feminismo**. Rio de Janeiro: Zahar. Perspectivas Antropológicas da Mulher, 1981.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: EdUNESP, 1993.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade da mulher, de gênero transversal. In: HEILBORN M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 40-52.

_____. Sobre sexualidade, gênero, corpo e juventude. In: BRUSCHINI, C.; UNBENHAUN, S. (Orgs.) **Gênero, democracia e sociedade**. São Paulo: 34 ed., FCC, 2002; p. 405-417.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Plano integrado de enfrentamento à feminização da Aids e outras DST, 2007**.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1989.

SORJ, Bia. Trabalho remunerado e trabalho não remunerado. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M. e OLIVEIRA, S. (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 108-119.

_____. Percepções sobre esferas separadas de gêneros. In: ARAÚJO, C, SCALON, C (Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 79-88.

TAQUETTE, S. R. Feminização da Aids e adolescência. Rio de Janeiro. **Adolescência & Saúde (UERJ)**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 33-40, 2009.